



Histórias de Vida em Períodos de Quarentena

Lúcia Vanda Rodrigues Dias
Patrícia Pereira Cardoso da Costa
Suyanne Maria de Oliveira Ribeiro
Diego Furtado Rodrigues
Joaquim Araújo

Escola de Cultura e Artes
Centro Cultural Bom Jardim

Junho de 2020



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

1. INTRODUÇÃO

Esse documento é fruto de uma série de pesquisas e escutas realizadas pelos assistentes pedagógicos do Centro Cultural do Grande Bom Jardim (CCBJ) durante os primeiros meses da quarentena(Março a Abril) que se estabeleceu na cidade de Fortaleza por conta da pandemia do coronavírus, com o acompanhamento e o pensar metodológico da Gerência de formação da Escola de Cultura e Artes. Durante esses meses de março e abril de 2020 os assistentes pedagógicos estiveram acompanhando um pouco do cotidiano de alunos dos cursos extensivos e técnicos do aparelho cultural, prestando um trabalho de escuta com esses jovens sobre os seus anseios e dificuldades nesse contexto de pandemia e isolamento social.

As escutas foram realizadas através de espaços virtuais de diálogo, seja por um telefonema, ou um espaço organizado em alguma plataforma virtual, e até mesmo uma conversa individual em aplicativos de mensagens do celular.

Todo o processo de trabalho em torno desse documento levou em conta todas as questões e problemáticas que existem nos territórios periféricos (tendo em vista que esse é o território e contexto desses jovens em sua maioria) compreendendo que fatores historicamente já existentes nesse espaço, como a desigualdade social, a violência e os conflitos territoriais, dificultam o processo de combate ao coronavírus e são elementos que acabam afetando de alguma forma também esses sujeitos.

Para isso também foi realizada pesquisas que movimentam dados sobre a realidade de territórios periféricos como o Grande Bom Jardim, e até mesmo dados sobre esse território. Um trabalho que foi realizada através de pesquisas virtuais, acompanhando não só veículos de comunicação que trazia a tona essas estatísticas, mas como também documentos oficiais órgãos do município, como a Secretaria de Saúde, além também de Institutos de Pesquisas, como é o caso do Data Favela.

É um documento que traz um olhar sobre a vida desses jovens diante desse cenário em que a perspectiva de futuro se apresenta como algo difícil a se pensar nesse momento em que nos encontramos mais preocupados em conseguir garantir nossa sobrevivência neste presente tão catastrófico.

2. UM OLHAR MACRO SOBRE O CONTEXTO DA PANDEMIA NOS TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

Escrever sobre as histórias de vidas na quarentena em um recorte específico como é o caso da comunidade do Grande Bom Jardim nos faz entender a importância de também olhar para outros territórios periféricos e favelas, e como estes têm lidado com essa situação. Tal ação se faz necessária pois também mostra realidades semelhantes com a qual presenciamos e vivenciamos dentro de nosso território.

Em pesquisa realizada pelo Data Favela e pelo Instituto Locomotiva revela que as favelas do Brasil têm 5,2 milhões de mães, em que destas, 72% afirmam que alimentação de sua família ficará prejudicada pela ausência de renda durante o isolamento social. 73% afirmam que não possuem nenhuma poupança que permita manter os gastos sem trabalhar por um dia que seja. 92% dizem que terão dificuldades para a compra de alimentos após um mês sem renda.

Destas, oito a cada dez relatam que a sua renda já foi reduzida por conta da pandemia do coronavírus. Além disso, 76% das mães de famílias contam que os gastos nesse momento também aumentaram por conta do fato dos filhos não estarem indo mais as aulas e ficando mais tempo em casa. Todos esses dados nos revela o como essa pandemia é ainda mais prejudicial para os moradores de favelas e comunidades periféricas. São espaços que por si só já apresentam enormes deficiências para combater a disseminação de qualquer vírus, tendo em vista a falta de saneamento básico e aglomerações subnormais de pequenas casas em becos e vielas.

Os relatos que encontramos de moradores desses territórios corroboram ainda mais com o que é apresentado nessas pesquisas. Celso Athayde, fundador e coordenador geral da Central Única das Favelas (CUFA) relata que:

Muitas pessoas entraram na linha de pobreza da noite para o dia. O casal que trabalhava no shopping na semana retrasada, que recebia por semana, fez a compra da semana passada e nesta semana já não está mais trabalhando. Porque o shopping fechou, o patrão também quebrou. Hoje esse casal está com três filhos em casa, que não estão mais comendo na escola. Você tem o casal em casa, os três filhos e muitas vezes os pais do casal, idosos, que moram com eles. (Celso Athayde)



Com o decorrer das semanas diante dessa pandemia e com o aumento dos casos e a expansão do contágio da doença, pôde-se perceber o como esse problema de saúde pública se apresenta de forma diferente para determinadas classes e em determinados territórios. A principal marca disso é a desigualdade social, que permite grupos com determinados privilégios de classe possam enfrentar o problema do coronavírus de uma forma e grupos periféricos e desfavorecidos economicamente enfrentam de outra.

É como o pesquisador e microbiologista Átila Iamarino afirma: *“É difícil ficar em casa quando se precisa andar quilômetros para ter água”*. Esse é o reflexo dessas marcas da desigualdade social no combate ao coronavírus, e o resultado disso é a alta taxa de mortalidade que tem se apresentado nos territórios periféricos em comparação aos chamados “bairros nobres”.

Na cidade de Fortaleza isso é possível de se observar ao analisar dados da segunda semana do mês de abril de 2020, que nos mostram a taxa de mortalidade nos bairros da cidade por conta do coronavírus. O bairro Meireles, com um dos maiores IDH da cidade e concentração de renda, apresenta uma taxa de mortalidade de 3,9% com 7 mortes de 179 casos por conta do vírus Na Barra do Ceará, em que se tem uma realidade diferente da do bairro Meireles, com índices de pobreza e desigualdade altos, a taxa de mortalidade reflete esses problemas sociais, com um número de 28,5%, contabilizando 6 mortes de 21 casos.

Conseqüentemente isso também se apresenta no Grande Bom Jardim, território composto por cinco bairros periféricos (Bom Jardim, Granja Lisboa, Granja Portugal, Siqueira e Canidezinho) que se encontram na lista dos 12 bairros mais vulneráveis da cidade de Fortaleza. Isso também tem se refletido na situação delicada em que as pessoas desse território têm se encontrado diante dessa pandemia do coronavírus.

As conseqüências disso é possível observar ao ver os números referentes ao coronavírus apresentados na terceira semana de abril de 2020 pela Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, com o território do Grande Bom Jardim totalizando 82 casos confirmados de coronavírus, 12 óbitos, e com uma taxa de mortalidade de 14,60% somando os cinco bairros. Em um dos bairros, a Granja Lisboa, a taxa de mortalidade chega a ser de 26%, com o território tendo 7 óbitos de 27 casos registrados.



Todo esse contexto também tem afetado diretamente o psicológico e a saúde mental de toda a população, e principalmente dessa população periférica que se encontra em situações mais delicadas. O desemprego, o isolamento e o medo do coronavírus são preocupações que têm afetado constantemente a saúde mental dessa população. O isolamento social tem sido um grande fator que tem contribuído para o aumento da ansiedade e da depressão dos jovens, principalmente por levar a impossibilidade destes de frequentar espaços de convivência e de trocas com outros indivíduos, algo que corrobora para a identidade dos sujeitos. Isso nos faz refletir sobre e nos leva a uma preocupação sobre a situação dos jovens do Grande Bom Jardim e de outros bairros periféricos que se encontra nessa condição de isolamento social.

3. AS NARRATIVAS DE NOSSO TERRITÓRIO: ALUNOS DO CCBJ NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Antes mesmo da Pandemia chegar ao Ceará a situação da maior parte das pessoas que frequentam, ocupam e movimentam o Centro Cultural do Grande Bom Jardim eram precárias. Vidas frágeis no quesito econômico, familiar, emocional e não só. Os alunos do CCBJ em sua maioria são jovens. Jovens que recorrentemente não tem acesso a mais de uma refeição por dia, que não tem um estrutura familiar de apoio, que precisam dividir um pequeno espaço com mães, irmãos, tias, avós, primas. Pessoas que muitas vezes não tem um espaço fixo de moradia, que vivem “de favor” na casa de amigos e/ou parentes.

Como é vivenciado um período de Pandemia por quem ao longo de sua vida sobrevive na exclusão? Como seguir em isolamento social quando se mora em uma família onde não se tem uma boa convivência? Para onde vão os maus tratos ocorridos dentro do próprio “lar” em um momento em que a maior campanha mundial é “fique em casa”?

Para eles e elas é improvável ficarem em casa, vivem com um prima e a família dela e o combinado era ajudarem nas despesas de casa em troca de um canto para dormir. O “ganho” financeiro era adquirido através de “corres”, bicos... tornou-se difícil continuarem ganhando algum valor, vão levando e uma hora ou outra não terão como ajudar nas despesas logo também não terão um canto para colocar em prática a recomendação de “fica em casa”.

Para eles e elas há alguns “pesos” carregados desde muito cedo. Corpos jovens, pobres, favelados, homossexuais, não aceitos pela a família mas que permanecem ativos a muito custo, a buscar apoio emocional/psicológico. Para estes também é desafiador ficarem em casa, a cabeça não ajuda, o ambiente hostil não permite, a preocupação de como serão os próximos dias se faz presente, o medo de perderem os avós que são seu único referencial de carinho sufoca.

Para eles e elas a responsabilidade chegou na infância, nem sempre tem o que comer, a família se ajuda como pode. Recentemente haviam conseguido um trabalho remunerado, muita satisfação que durou pouco. A crise levou o “ganho”. Tem sido difícil dormir, no momento tem comida mas não sabem até quando. Ficar em casa, cuidar dos seus pais e recomendar medidas preventivas tem sido a rotina sem saber o que terá para comer daqui há uma semana.

Para eles e elas há desafios independente do Covid-19. Adversidades que não desmerecem a gravidade do problema de saúde que assola o mundo. Estas dificuldades não competem com a Pandemia, a agrava. Há uma avalanche de danos chegando a estes corpos, problemas empilhados um ao lado do outro. E o que tem sido feito para amenizar este efeito de calamidade social?

Na fala de alguns alunos podemos destacar alguns recortes de vivências nesses tempos de pandemia proporcionada pelo Covid-19. Pensado na confiabilidade dos jovens ao nos relatar as situações que são apresentadas, iremos preservar as suas imagens utilizando codinomes no lugar dos seus nomes reais ao citar seus relatos. Podemos perceber que são falas que, entre outras coisas, relataram na primeira semana de quarentena que o momento é de acomodação a nova situação: *“Estou bem, ainda sigo me adaptando nesse novo processo”* (Cravo).

A preocupação com a sobrevivência também é um sentimento expresso pelos jovens: *“Nos últimos dias tive dificuldades em resolver alguns problemas como as dívidas mensais, pois já tinha um mês programado com trabalhos já fechados e maioria foram adiados e alguns cancelados”*. (Cravo). Isso porque o isolamento social veio trazendo consigo uma crise na economia, ocasionada pelo fechamento provisório de instituições que dinamizam o setor financeiro, afetando principalmente os trabalhadores autônomos.

Apesar das inquietações relacionadas à subsistência, com a certeza de que os próximos meses não serão fáceis, as falas revelam a consciência de que *“o trabalho/dinheiro não é mais importante que saúde, mas a “a realidade é cruel...” (Cravo)*. Temos que nos alimentar pagar água, luz, entre outros serviços essenciais à manutenção da vida. É o que nos impede muitas vezes a nos arriscar, quebrando por algumas horas o isolamento social para adquirir o recurso financeiro necessário à sobrevivência: *“Multipliquei todos os cuidados e fui na fé” (Cravo)*.

“A realidade é cruel” principalmente nas sociedades em que as desigualdades sociais são gritantes e os governantes, ao invés de tentar solucioná-las, fazem vista grossa. O futuro assim se torna incerto, para a grande maioria dos brasileiros: *“E não consigo imaginar como será para minha família e as outras pessoas daqui de Fortaleza” (Cravo)*. Retrocessos políticos são apontados como elementos que tendem a piorar a situação da população. Como manter-se calmo e otimista diante desse quadro estarrecedor? *“Ah!!!! tá sendo difícil achar o equilíbrio, entre o pessimismo e a realidade” (Cravo)*.

Não é tarefa fácil manter-se centrado no equilíbrio diante da realidade dos fatos. Principalmente quando aqueles que se comprometeram a defender o povo destoam do compromisso assumido. A pandemia também serve para a reflexão sobre a responsabilidade individual de cada cidadão, quando seus atos ou omissões acabam respingando na coletividade. Existem direitos a serem reivindicados. Mas também existem deveres a serem cumpridos. E qual o primeiro dever de todo cidadão? É a participação social, continuar a movimentação para que os direitos, pensados no sentido do bem comum, sejam garantidos e efetivados. O pensar politicamente correto, de forma geral, exige o cuidado com a Terra e os seres que a compõe. De forma mais centrada, exige a consciência de que fazemos parte de um todo, olhando com mais atenção para que sejam corrigidas as injustiças sociais.

Esse tempo em quarentena nos serviu também para refletir sobre o antes e como está agora o nosso cotidiano. Pensar e repensar sobre o real significado da existência, sobre o que é relevante para nós e o que toca os nossos sentidos. Na convivência virtual com os jovens alunos do CCBJ falas anunciam ressignificações de coisas simples, que passaram a ter um novo significado e fazer falta no cotidiano: *“Uma simples pedalada ao CCBJ faz*

tanta falta” (Azalea).

O simples ato de pedalar ganha um novo significado; a ruas, as casas, os comércios, as árvores que fazem parte desse trajeto de ir e vir ao CCBJ, são agora vistas e revistas mentalmente com saudade, por alguém que no momento se ver cerceado em seu direito de caminhar, correr, andar de bicicleta... Uma imposição aceita pela razão e o coração que se sentem no dever de cuidar de si e do cuidar do outro.

Ficar em casa tem também tem um lado bom: o encontrar-se consigo mesmo. Encontro *“quase inevitável”*, que proporciona a escuta íntima, se soubermos aproveitar para realizar a renovação na nossa forma de pensar, sentir e agir: *“mudanças que deveriam ter sido feitas a tempos” (Orquidea).*

O autoconhecimento é o caminho para o auto-amor, para a descoberta do mundo interior, que no mais das vezes segue carente de cuidados para um desenvolvimento mais efetivo. Se o mundo interno estiver equilibrado e em harmonia, o caos do mundo externo não nos atinge, e seguimos firme o nosso roteiro, cientes de quem somos e do que temos de melhor: *“Convivendo comigo mesma da maneira que eu estou, com mais intensidade que antes, percebi quem eu sou e isso é ótimo”.* (Azalea)

O isolamento social segue com três semanas, conduzido ao desvelamento da paisagem íntima. O re(conhecimento) de si surge como uma consequência da convivência consigo mesmo. Mas a convivência com as pessoas que residem conosco também é inevitável nesse período de isolamento social. E em muitos casos, conviver exige um sacrifício enorme, pois para que a coexistência seja harmoniosa exige que as partes envolvidas se afinizem nesse sentido.

Dessa forma, muitos dramas se desenvolvem entre quatro paredes, envolvendo desarmonias na convivência familiar. Dentre estes, são muito comum as desavenças ocasionadas pelo pensamento machista que ainda vigora em pleno século XXI com muita força: *“Estou convivendo com um ser insuportável e machista” (Azalea).*

Uma pessoa machista ou que o reproduz (seja homem ou mulher) pensa e age na convivência diária se opondo a igualdade de direitos entre os gêneros, beneficiando o gênero masculino em detrimento ao feminino. Ou seja, é uma opressão, nas suas mais distintas formas, das mulheres, feitas pelos homens. Do cotidiano vemos emergir várias situações que



demonstram a falta de respeito e efetivação dos princípios de igualdade entre os gêneros, atingindo as mulheres na atualidade: baixa remuneração salarial, assédio moral e sexual, violência física, psicológica e sexual, entre outras.

Esse difícil cotidiano vivenciado por milhares de mulheres todos os dias, mostra uma preocupação que temos com situações que podem estar acontecendo durante esse período de quarentena com elas, principalmente a respeito da violência doméstica. Segundo a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará, foram registrados 703 ocorrências de violência doméstica, entre 20 de março e 12 de abril deste ano de 2020. Todo esse contexto de isolamento que mexe ainda mais com o psicológico dos sujeitos pode abrir espaço para o crescimento desses números. Essa é uma preocupação que é de diversas mulheres de nosso território, o que conseqüentemente também se torna um fator que agrava a saúde mental dessas mulheres.

Se faz necessário combater a cultura machista na nossa sociedade. Combater o machismo não significa combater os homens, mas trabalhar para superar os preconceitos de gênero que impedem homens e mulheres de caminharem lado a lado, em direitos e liberdade. Os desafios não são poucos, mas é uma missão a ser abraçada e concluída por todas as comunidades empenhadas na construção de uma sociedade igualitária.

Junto com a pandemia veio a determinação do isolamento social como forma de conter o avanço das contaminações. A vida de todo mundo fica meio de “pernas para o ar”. O que vamos fazer agora? Como seguir com os projetos aos quais estamos vinculados? Vamos estagnar o curso da existência ou dar continuidade utilizando outras formas de prosseguir? Continuar, explorando o novo que não é tão novo foi a opção que o CCBJ encontrou com o intuito de dar prosseguimento aos cursos, para que os alunos não sejam prejudicados em seus estudos e continuem a receber o pagamento das bolsas, que na maioria dos casos é usado para ajudar a prover a subsistência.

Dessa forma, reuniões e aulas passaram a ser online. Mas tudo que tem seu lado bom também pode ter um aspecto negativo. O acesso aos recursos tecnológicos não é uma realidade para todas as pessoas. Não está sendo diferente para os alunos do CCBJ. As dificuldades financeiras não são poucas: *“Ah! Tá tudo tão difícil” (Rosa)...* E falta dinheiro para obter um plano de internet. Quando não falta o próprio aparelho de celular, para poder



participar das aulas: *“Tô tentando comprar um celular com o dinheiro das bolsas” (Lírio).*

Comunicar-se passou a ser essencial nesse período. Porém, não está ao alcance de todos na amplitude desejada e necessária: *“Estou com poucos meios de comunicação, mas tentarei o máximo possível” (Gerânio).* Tentar, resistir, perseverar é o que nos resta a fazer por agora; entregar-se jamais ao desânimo. A luta não é só para continuar inserido nos encontros virtuais, mas também para garantir a manutenção das conquistas obtidas com um grande esforço da comunidade, como no caso do CCBJ e tudo que ele proporciona em termos de acesso cultural, artístico e garantia de direitos humanos.

4. SOBRE A PERSPECTIVA DOS ALUNOS DO CCBJ: RELATOS DE VIVÊNCIAS

Diante desse contexto, também são grandes ensaios a todo o momento para tornar as coisas vivas em nossas cidades periféricas. As ações de enfrentamento estão cada vez mais próximas do real, para gerar ações de cidadania e cultura dentro de casa para diminuir os impactos dos medos e insegurança na vida de crianças, adolescentes, jovens e famílias.

Neste tópico iremos disponibilizar os relatos de vida completos com a fala desses jovens das periferias da Grande Fortaleza que estão inscritos nos cursos extensivos e técnico do Centro Cultural do Bom Jardim, onde os mesmos relatam as problemáticas que estão vivenciando neste período de pandemia em suas zonas. Conforme solicitado os nomes dos jovens foram preservados com o intuito de gerar uma confiabilidade da vida dos mesmos nesta ação, utilizamos nomes de expressões das respectivas linguagens para aproximar o processo da nossa intervenção nos programas.

Maxine:

Não estou trabalhando, fui dispensada da escola que dava aula, atualmente só meu pai está trabalhando, minha mãe foi dispensada também. Por enquanto a alimentação está tudo bem. Com relação aos estudos estou tendo aulas da faculdade online também, está mais cansativo que presencial. Estamos se cuidando utilizando álcool e máscaras.

Merengue:

Com o começo dessa pandemia, afetou muito o trabalho, pois o único da família que trabalhava era meu pai. Estamos tendo todos os cuidados necessários porque nesse momento a higiene é muito importante, sempre que precisamos sair de casa pra comprar algo, usamos máscaras e levamos álcool em gel. Estamos tendo todos esses cuidados, pois próximo a minha casa teve o caso recente do COVID-19.

Salsa:

Sou professora concursada, então graças aos deuses e orixás estou com meu salário em dias. No entanto há dificuldades tendo em vista que tenho que pagar o meu aluguel e as contas mensais, as despesas de aluguel e comida da minha mãe, auxiliar financeiramente minha irmã que está grávida (já q ela e o marido trabalham de contratos e tudo foi cancelado) e ainda ajudar a família do meu parceiro, cujo irmão está desempregado e a mãe que trabalha com bico não tá tendo atendimento esteticista. Trata-se do milagre do pão compartilhado. Uma mudança drástica e complicada que nos faz selecionar o q pagar ou não pra se manter. Aqui há suspiros de alívio já que todos/as estão realmente obedecendo a quarentena. Menos a família do meu companheiro. É lamentável ver que a conscientização de todos os cuidados não chegou lá. Como sou a única com renda fixa tá sendo bem, bem, bem difícil já que a grana tá sendo dividida entre 4 famílias, assim como a escolha com as compras.

Sobre os estudos estou lotada de atividades dos cursos gratuitos que aproveitei pra me inscrever. Só lamento porque não domino muito a tecnologia e sinto sono de frente do computador. Além de que tô com teclado quebrado, então haja paciência pra tentar digitar pelo teclado virtual. Eu mal saio. Na verdade só saio pra comprar as comidas e deixar nas casas. Então saio com máscara de tecido e levo pano e vidro com água mais água sanitária pra poder limpar tudo. Não entro na casa de ninguém. Geralmente deixo as compras na porta para que o povo faça a limpeza cabível antes de pôr dentro de casa.

Bolero:

Assim graças a Deus em relação à alimentação e família está tudo bem, minha família está bem e alimentação não está faltando. Em relação a trabalho está meio complicado porque sou artista e as viagens/apresentações que íamos fazer tudo foi cancelado. Também estou na criação de um novo espetáculo "Abril Fiduc", mas todos os sábados a gente se reúne por vídeos-chamadas e os diretores sempre estão mandando coisas pra gente fazer (criar/estudar). Os estudo está mais ou menos porque a minha internet não ajuda as vezes por isso não consegui participar da primeira aula da Ana Carla e participei só dá metade da 2 justamente por conta de internet. Consegui entrar no Google Class dei uma lida nos slides que ela deixou lá mas não consegui assistir as aulas que estão salvas.

Rumba:

Eu não estou trabalhando já tem um mês, na minha casa são; eu minha mãe e mais uma senhora amiga da minha mãe, ela é como se fosse minha tia, as duas tem mais de 60 anos, a gente não tá saindo de casa, só pra comprar o necessário. Estamos tendo cuidado de sempre limpar as coisas com álcool, sabão e água, usar máscara, se sair de casa ao voltar já troco de roupa e tomo banho, mas pra falar a verdade apesar de tudo isso eu não me sinto segura, eu tenho tanto medo, às vezes eu evito ficar olhando as coisas as notícias, estava em tempo de surtar, semana passada eu fui passar uns dias na casa do meu noivo, pra poder aliviar minha cabeça, porque eu não estava aguentando, mas esse foi o único lugar que sai que fosse longe, lá que eu consegui fazer a atividade de gravar o vídeo, porque tem espaço para dançar, aqui na minha casa não tem. Eu sinto um pouco de dificuldade com ensino assim, à distância, mas estou tentando, às vezes é difícil manter a concentração.

Blues:

Tenho vivenciado o meu luto! Está sendo muito complicado me organizar nessa quarentena... tem sido muito ruim porque estou tendo que passar muito tempo em casa e a minha ansiedade também triplicou por conta de tudo isso que está acontecendo, o que tem me despertados muitos gatilhos.

Tango Argentino:

Então, por causa dessa pandemia. Consegui montar um negócio junto com meu parceiro. Uma hamburgueria é com ela que consigo pagar minhas contas, já que sai da casa dos meus pais mês passado. Mas graças a Deus, tá tudo indo muito bem. Sobre sair de casa, tenho sempre cuidado extremo ao sair. Uso luvas descartáveis, máscaras de pano boné.

Chanchada:

Esperamos que nosso curso passe por uma reforma para a versão EAD para um melhor aproveitamento das aulas pois nosso curso não pode ser parado por conta da atual situação que estamos vivendo pois agora mais do que nunca nosso e todos os outros demais cursos básicos, extensivos e técnicos são de extrema importância tanto para nossa saúde mental como para de nossos familiares a partir dos benefícios que nos é dado, que tanto nós alunos e o CCBJ lutamos tanto para tê-los, precisamos muito que nossos pedidos sejam atendidos, como a alteração para o EAD, pacote de dados móveis para que todos os alunos possam participar das aulas pois muitos não têm acesso à internet. Cestas básicas no lugar do lanche que tínhamos antes das aulas serem paralisadas e que brigamos tanto para conseguir e havia pouco tempo

que tinha sido aprovado e assistência tanto mental como financeira para os trabalhadores da cultura que também não podemos esquecer que estão se desdobrando nesse momento para que as coisas possam fluir da melhor forma possível, eu particularmente só consigo imaginar o pior caso nosso curso seja parado, acabei de sofrer uma perda familiar e estou longe da minha família há um bom tempo e isso é muito difícil, se não fosse esse curso para me ajudar não sei quais circunstâncias estaria sofrendo nesse momento, meu pai perdeu o pai dele e eu como seu filho não pude nem dar um abraço nele, minha mãe é da área da saúde e por isso tive que me afastar por conta dela está sempre tendo contato com possíveis infectados pelo vírus e várias colegas de trabalho dela já foram afastadas com suspeita e algumas já estão internadas tendo laudo positivo para COVID-19 e eu fico destruído por dentro só de pensar que há qualquer momento ela possa ser a próxima e com todos esses conflitos que estou passando esse curso é a única alternativa que tenho no momento para afasta minhas dores e pensamentos destrutivos e por isso venho por aqui fazer esse apelo para que POR FAVOR MANTENHAM NOSSO CURSO ATIVO pois assim como eu estou passando por uma situação difícil e preciso extremamente dele para aliviar minhas dores outros alunos também precisam pois estão numa situação parecida e talvez até pior!

Reggae:

Meu quadro é preocupante e de indignação. Tenho tido perda de contato com a minha mãe, e isso tem me afetado muito. A quarentena tem me deixado muito desmotivada, não tenho conseguido criar uma rotina e tem horas que me encontro em transe. Não consigo produzir muito em casa e isso tem me gerado uma grande ansiedade.

Zouk:

Eu ainda não tinha sentido o impacto muito forte dessa pandemia, mas desde a semana passada esse período de reclusão tá começando a me afetar um pouco... Uma das maiores questões pra mim é relação à família, eu moro sozinho, mas é do lado da casa dos meus avós (onde mora duas famílias), e a relação entre a gente não é tanto a das melhores, eu sempre passei muito tempo fora de casa por conta das atividades, mas agora estou tendo muito contato com eles e por uma série de fatores isso tá me afetando, eu sempre fui muito independente então a minha relação com minha família não é de tanta proximidade. Os estudos não estão da forma que eu queria, porque o computador está com meu irmão e ele não está aqui e meu celular está quase pifando, então um pouco difícil acompanhar as aulas EAD e fazer as atividades e isso tem me frustrado um pouco, por não está acompanhando como eu gostaria... A alimentação está tudo normal, boa parte da minha alimentação é na casa da minha

avó... E eu não estou saindo de casa, só quando vou pra minha irmã e tomo os devidos cuidados. Eu acho que o que mais está me afetando é a família e os estudos.

Samba:

Com relação ao meu estágio está sendo online, através de reuniões, videoaula, estudos teóricos que os orientadores estão passando de documentos para estudo dentre livros e documentários. Minha família está toda unida em casa, cuidando uns dos outros, sobre a alimentação às vezes falta uma mistura, mas com ajuda um do outro vamos conseguindo manter os pratos na mesa. Sobre os estudos está bem complicado por falta do celular, mas hoje consegui comprar um e agora vou retomar aos estudos me atualizar. Sobre os cuidados ao sair de casa, estamos nos cuidando na medida do possível, somente meu padrasto que continua trabalhando e os demais sempre dentro de casa.

Dança Popular:

Sobre a bolsa, estou recebendo da Edisca porque tenho o aplicativo onde estou analisando, tenho outras bolsas mais não sei e pelo tempo que tô sem dinheiro já tá complicado aqui em casa. Sobre a família, não discutimos tanto, mas no fundo eu sei que não me dou bem com minha família, por isso fazia questão de ocupar meu tempo pra não ficar em casa, antes da pandemia. Sobre os estudos, estou tentando acompanhar as aulas do CTD, mas particularmente é muito difícil aulas em EAD, entendo quase nada. Tenho me cuidado ao máximo, mas eu corro mais risco em casa do que fora..

5. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL

Em meio a tudo que foi relatado aqui neste documento, vale ressaltar a importância da arte e da cultura como um meio de tentar impedir o aprofundamento desses sentimentos de ansiedade e de depressão que esse contexto de isolamento social e de pandemia pode ocasionar na população e nos jovens da periferia.

Pontuamos aqui a necessidade de pensar a arte e a cultura como instrumentos de promoção da saúde mental. Estudos já nos revelam a potencialidade das atividades artístico-culturais e sua capacidade de promover bem estar no sentido do controle da ansiedade, principalmente pelo fato das expressões artísticas serem capazes de despertar em seu público sentimentos ligados à autoconfiança e ao de pertencimento, o que é de fundamental importância para participar da sociedade. Exercícios assim ajuda a tirar

indivíduos de círculos viciosos como o do sentimento de isolamento que tende a afundar ainda mais na solidão e na aptidão.

Em um momento de escuta com um dos alunos do CCBJ foi possível observar relatos que também apresentavam ações em busca de se manter são, como a prática artística que segundo um dos alunos tem conseguido lhe fazer bem em meio a tudo isso que está acontecendo:

Tenho procurado revisar alguns estudos que já fiz no campo da música, e tenho realizado alguns exercícios musicais. O estudo e prática da música tem me feito muito feliz nesse período, principalmente agora que chegará um instrumento musical que comprei.

Também foi observado através dos encontros online e de conversas individuais que alguns alunos estão seguindo com suas práticas artísticas adaptadas ao novo formato de divulgação e apresentações 100% online. Essas atividades seguem, na sua maioria, sem ganhos financeiros mas é uma forma de se manterem ativos e vivos artisticamente.

Um dos alunos relata que a Arte é o espaço onde alivia suas tensões. Começou neste caminho em busca de mero entretenimento que logo transformou-se em válvula de escape para extravasar e atualmente é um “amor imensurável”. Por isto logo que percebeu que a quarentena permaneceria mais tempo do que previsto iniciou atividades em lives no instagram e youtube buscando se reinventar e alcançar o público de uma outra forma.

Assim como há muitas narrativas de jovens que acreditam que a Arte salva. Se não salva os outros (o público), salva a si mesmo (o artística). Este “resgate” pode ocorrer através da escrita, dança, encenação. Expressões que são importantes para manifestar a essência daquilo que eles vivem, vêem e pensam deste mundo.

Como também é por meio destes manifestos que ficará registrado historicamente como viviam as pessoas deste lugar, deste espaço em certo período. Sendo este um dos motivos que impulsionam alunos a escreverem seus escritos, contos, poesias. Através dos seus versos, muitos em tom poético e rima, eles descrevem as emoções, sentimentos e situações da juventude da periferia sobrevivendo em tempos de Pandemia.



Um relato que também entendemos que cabe aqui colocar é de um dos membros do núcleo de formação artística do CCBJ, também morador desse território, que também vivencia muitos anseios e preocupações como as que foram relatadas pelos alunos, mas que encontra na arte momentos agradáveis que são de fundamental importância para promover sua saúde mental:

Com esse caos que vivenciamos por conta da pandemia e do boom diário de informações que não trazem muitas esperanças em relação ao futuro, tenho buscado refúgio nos meus instrumentos musicais e na prática e estudo dos mesmo. Isso tem não só ocupado minha mente mas me feito muito bem trazendo um pouco de controle sobre a minha ansiedade que em alguns momentos se encontra em crise diante do momento difícil que estamos passando.

Diante desse cenário pandêmico e catastrófico que vivenciamos, é importante mais do que nunca olhar para a arte e para a sua capacidade de preencher o espaço deixado vazio pelo isolamento social e pode servir como um companhia para muitos que se encontram solitários em seu lar. É como afirma a pesquisadora Chrstitine Greiner, o "Homem produz manifestações artísticas em busca de sobrevivência". Em um momento como esse de ruptura, a arte deixa a condição de possibilidade para ser uma necessidade urgente para os jovens aqui retratados e também para a população em geral.

É com isso que finalizamos esse documento, afirmando a importância do Centro Cultural do Grande Bom Jardim como um equipamento que tem total capacidade de promover arte e cultura para esse território, até mesmo em meio a um contexto como esse que vivenciamos. Equipamentos Culturais como o CCBJ se fazem mais do que nunca necessário para toda uma população que necessita também para a sua saúde respirar arte e cultura nestes tempos de pandemia e isolamento social.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

6. REFERÊNCIAS:

Informe Semanal da Covid-19. **Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza**. 22 de abril. Disponível em: https://coronavirus.fortaleza.ce.gov.br/pdfs/Informe%20semanal%20COVID-19_%20SE%2017a%20semana%202020.pdf

IAMARINO, Atila. **A Covid-19 e a Desigualdade**. **Folha de São Paulo**. 19 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/atila-iamarino/2020/04/a-covid-19-e-a-desigualdade.shtml>

WESLEY, Elena. **Isolamento, medo da Covid-19 e desemprego afetam saúde mental na periferia**. Uol. 22 de abril de 2020. Seção Viva Bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/04/22/isolamento-medo-da-covid-19-e-desemprego-afetam-saude-mental-na-periferia.htm>.

Arte: Evitando Depressão e Ansiedade e Aumentando a Satisfação com a Vida. Instituto Bem do Estar. 20 de janeiro de 2020. Seção Saúde da Mente. Disponível em: <https://www.bemdoestar.org/artigos/arte-evitando-depressao-e-ansiedade-e-aumentando-a-satisfacao-com-a-vida>

GUIMARÃES, Ligia. **Coronavírus: 92% das mães nas favelas dizem que faltará comida após um mês de isolamento, aponta pesquisa**. BBC News Brasil. São Paulo. 2 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52131989>